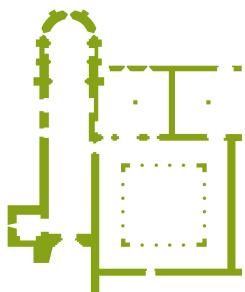


15.

**MOSTEIRO****DE SÃO  
PEDRO  
DE CÊTE**

Largo do Mosteiro  
Cête  
Paredes



41° 10' 50,79" N  
8° 22' 0,45" O



918 116 488



Dom. 11h



São Pedro  
29 junho



Monumento Nacional  
1910



P. 25



P. 25



x

A localização do Mosteiro de São Pedro de Cête, entre as melhores terras agrícolas, constitui uma atrativa lição de história. Uma visita a este Mosteiro mostra, ainda hoje, como são antigas as raízes da organização do território paroquial. Esclarece igualmente a importância que as ordens religiosas desempenharam na formação e consolidação do reino.

Nos séculos X e XI, época da Reconquista e da reorganização do território, a presença de uma igreja era o melhor signo de que o território estava organizado e povoado. Era, nesse tempo, o melhor testemunho da posse e ocupação cristã de uma terra, e uma garantia física, religiosa e psíquica para os habitantes dessa região.

A fundação do Mosteiro de Cête, que a tradição atribui a D. Gonçalo Oveques (1067-1113), tumultado na capela situada ao nível térreo da torre da fachada principal, remonta ao século X. Em 924, a documentação comprova já a sua existência, referindo, em 985, uma basílica dedicada a São Pedro, altura em que o Mosteiro se encontrava sob a proteção da família de Leoderigo Gondesendes. Os seus descendentes aliaram-se, por casamento, aos senhores de Moreira, tendo um deles, Guterre Mendes,

sido sepultado no Mosteiro de Cête. Os senhores de Moreira, que alcançaram importantes cargos políticos, detinham ainda o direito de padroado sobre os mosteiros de Moreira da Maia (Maia), de Rio Tinto (Gondomar) e de Refojos de Leça (Santo Tirso).

No entanto, a Igreja, tal como hoje se apresenta, não corresponde a épocas tão recuadas. A sua construção é já da época gótica como testemunham o arranjo da fachada, a relação entre o comprimento e a largura da Igreja, a relação entre o pé-direito da cabeceira e da nave, e a escultura dos capitéis e dos cachorros que apresenta.

Esta campanha de obras da época gótica, que pode ser datada entre o final do século XIII e o primeiro quartel do século XIV, está bem documentada na inscrição funerária do abade D. Estêvão Anes, que se encontra embutida na face interna da parede norte da capela-mor, junto do seu sarcófago.

O interior da Igreja corresponde realmente a uma espacialidade própria da época gótica. Da construção mais antiga foram reaproveitadas as primeiras fiadas da nave e, provavelmente, o portal sul que dá acesso ao claustro. Na campanha de obras dos séculos XIII-XIV foi erguida de novo a capela-mor, a nave foi aumentada em altura e em comprimento, sendo a fachada principal totalmente remodelada. Nas paredes da Igreja há uma boa quantidade de siglas, quase todas geométricas.

A cabeceira apresenta um alçado próprio da arquitetura românica, uma vez que são utilizadas arcadas-cegas para ritmar e animar a parede. Já os cachorros de proa que seguram a cornija, no exterior, são claramente da época gótica, como também o é a relação de altura entre a nave e a cabeceira. Apesar das frestas estreitas reforçarem o caráter fechado dos muros, aspeto que habitualmente reportamos à





arquitetura românica, é de assinalar que a arquitetura gótica portuguesa tem muitos exemplares, tanto na arquitetura monástica como na paroquial, que apresentam muros semelhantes aos de Cête.

Apesar da reforma da época gótica e, tal como acontece frequentemente na história da arquitetura medieval portuguesa, esta Igreja é um belo testemunho da aceitação dos padrões românicos e de quanto eles se ligaram a conecções religiosas. Se o portal norte deve ser considerado como gótico, já o portal principal retoma aspetos do românico epigonal. Por tudo isto, a Igreja de Cête é um monumento-chave para o estabelecimento de datações do românico tardio da região.

A torre de Cête, que abriga a capela funerária de D. Gonçalo Oveques, além da função de torre sineira tem um sentido simbólico que importa realçar. Incorporada na fachada, não é certamente uma torre própria para habitar. No entanto, ela também consagra uma senhoria porque o abade de um mosteiro é, na época medieval, habitualmente um nobre. O aspeto robusto e defensivo da torre tem, pois, uma motivação essencialmente simbólica.

Na época medieval, um complexo monástico era constituído por um conjunto de edifícios, cuja implantação é amplamente determinada pelo espaço ocupado pela estrutura da igreja. Por norma, o claustro e as outras dependências encostam-se à fachada sul, por ser a banda do sol, mais quente. Mas há várias exceções que se explicam por razões históricas, topográficas, ou de disponibilidade do terreno adjacente à igreja. Em Cête, o claustro e a sala do capítulo - hoje propriedade particular - construídos a sul da Igreja, testemunham algumas dessas parcelas que faziam parte dos conjuntos monásticos, embora correspondam a uma reforma já da época manuelina.

Na mesma época, a Igreja recebeu outras reformas, presentes no contraforte da fachada principal, que reforça a torre e, internamente, no arranjo da abóbada da capela funerária e do arcossólio, enquadrado por arco conopial, que alberga a arca tumular de D. Gonçalo Oveques, decorada com motivos vegetalistas. O arcossólio enquadra-se numa tipologia frequente no arranjo destes espaços funerários, própria da segunda metade do século XV e do

primeiro quartel do século XVI. O interior da capela foi ainda nobilitado por painéis de azulejos policromados.

A partir dos finais do século XV e dos inícios do século XVI torna-se recorrente em Portugal o uso do revestimento azulejar, como forma de qualificação artística do espaço arquitetónico. A durabilidade desse material, aliada à forte carga decorativa que imprime aos locais onde é aplicado, explica a generalização desse gosto. A capela de D. Gonçalo Oveques conserva bons testemunhos de azulejo hispano-mourisco. Sendo o seu arranjo arquitetónico do final do século XV ou do início do século XVI, o revestimento azulejar datará da mesma época. O conjunto é composto por silhares de padronagem diferenciada - fitomórfica, geometrizar e laçarias - num cromatismo que utiliza o azul, o verde e o castanho, aplicado sobre fundo branco, cobrindo diversas partes da capela.

Esses painéis são delimitados por cercaduras de desenho geométrico simplificado.

O túmulo do abade Estêvão Anes, com estátua jacente, foi executado em granito. Trata-se de uma produção local a que as características do granito, rocha de difícil tratamento, bem como a pouca habilidade do autor, imprimiram um caráter estático. O abade tem a cabeça, com mitra, apoiada em duas almofadas. Traja vestes de eclesiástico, de pregas retas muito convencionais no seu tratamento plástico, e segura o báculo com a mão direita. O rosto corresponde a uma representação dura e estereotipada, muito distante da que já então se praticava em Portugal, tanto na região Centro, que aproveita várias qualidades de calcário, desde Coimbra a Lisboa, como em Évora onde o mármore fornece material de resultados bem mais aprimorados.





Entre os anos de 1881 e 1882, a Igreja do Mosteiro foi alvo de obras de restauro, que mostram o seu estado deplorável àquela época, devendo-se a iniciativa à Junta de Paróquia. As obras de restauro iniciadas na década de 30 do século XX, levadas a cabo pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, conferiram ao conjunto monástico o aspeto que atualmente apresenta. Iniciaram-se com a demolição de todos os elementos arquitetónicos que ocultavam a edificação primitiva, a saber: demolição da sacristia e arrecadações que encobriam parte da fachada norte, obra da Época Moderna; remoção das escadarias em pedra que, ao longo da fachada norte, davam acesso ao primeiro andar do referido edifício; destruição de um dos pavimentos da torre;

reabertura da primitiva porta da fachada norte e conseqüente restauro; arranjo dos túmulos medievais que se encontravam debaixo da escadaria e sua recolocação no claustro; demolição do andar construído para habitação sobre a sala do capítulo. No interior da Igreja, as obras constaram de remoções e reconstituições, nomeadamente: remoção do púlpito e dos quatro altares que obstruíam a nave; reconstituição dos colunelos, das molduras e de duas frestas da capela-mor com base no modelo da única fresta que se considerou intacta; diminuição e reconstrução do espaço do coro alto, com o aproveitamento do primitivo acesso da torre; consolidação dos respetivos muros; restauro do contraforte da fachada norte da torre e coroamento da mesma.





## SÃO SEBASTIÃO

No interior da nave da Igreja, no lado sul, e dentro de um arcossólio, resta um vestígio de uma pintura mural, que representa *São Sebastião* cravejado de setas. Deverá datar do segundo quartel do século XVI. Esta pintura, apesar do seu estado residual, merece ser referida no quadro das devoções dos finais da Idade Média e da primeira metade de quinhentos. No levantamento que se efetuou da pintura mural portuguesa das épocas acima referidas, constatou-se que o santo mais representado é precisamente São Sebastião o que corresponde, aliás, ao grande número de esculturas de vulto deste santo, do mesmo período, que chegaram aos nossos dias.

São Sebastião, cujo martírio terá ocorrido em 288, era considerado o terceiro orago de Roma (Itália) e é, sem dúvida, um dos santos mais populares em Portugal, como por toda a Europa, durante a Idade Média. Esta grande popularidade deve-se, essencialmente, ao poder antipestífero que lhe era atribuído, embora não esteja totalmente esclarecida a origem desta sua qualidade. De qualquer forma, ter-se-á firmado a crença de que, tal como as flechas disparadas pelos algozes não foram capazes de matar Sebastião, também a peste e outras doenças, vistas como flechas que vindas do exterior entravam no corpo, não seriam capazes de introduzir a peste no corpo de cada um.

A proteção do santo, numa época de tantas e endémicas epidemias, a evocação e a devoção que lhe eram prestadas, eram vistas como uma eficaz proteção contra as doenças. Esta proteção e valor profilático estenderam-se às doenças que atacavam as culturas agrícolas. É curioso verificar que, no século XIX, São Sebastião irá ser evocado como protetor das videiras contra a filoxera, a peste da vinha, mostrando quanto o seu poder antipestífero estava bem arreigado na crença.



### A NÃO PERDER

• 4,8 km: Minas de Ouro de Castromil (p. 259)